

ROLHA DE CORTIÇA, EMOÇÃO E RAZÃO

Qual é maneira mais rápida de alguém se tornar muito impopular em Portugal? A seguir a profanar a bandeira nacional ou sugerir que a vossa selecção de futebol se veria aflita para ganhar às Ilhas Faeroe num jogo amigável, será certamente a criação de um negócio de cápsulas de rosca para vinho. Uma empresa dessas não ia sobreviver um mês.

A cortiça é tão importante para a auto-estima de Portugal que sugerir uma alternativa é quase uma blasfémia. Existem uns poucos produtores que utilizam cápsula de rosca para alguns dos seus vinhos – Peter Bright, João Portugal Ramos e Miguel Champalimaud vêm-me à memória – mas eles são a excepção que confirma a regra, mesmo havendo muita gente a fazer experiências por detrás das portas fechadas das adegas.

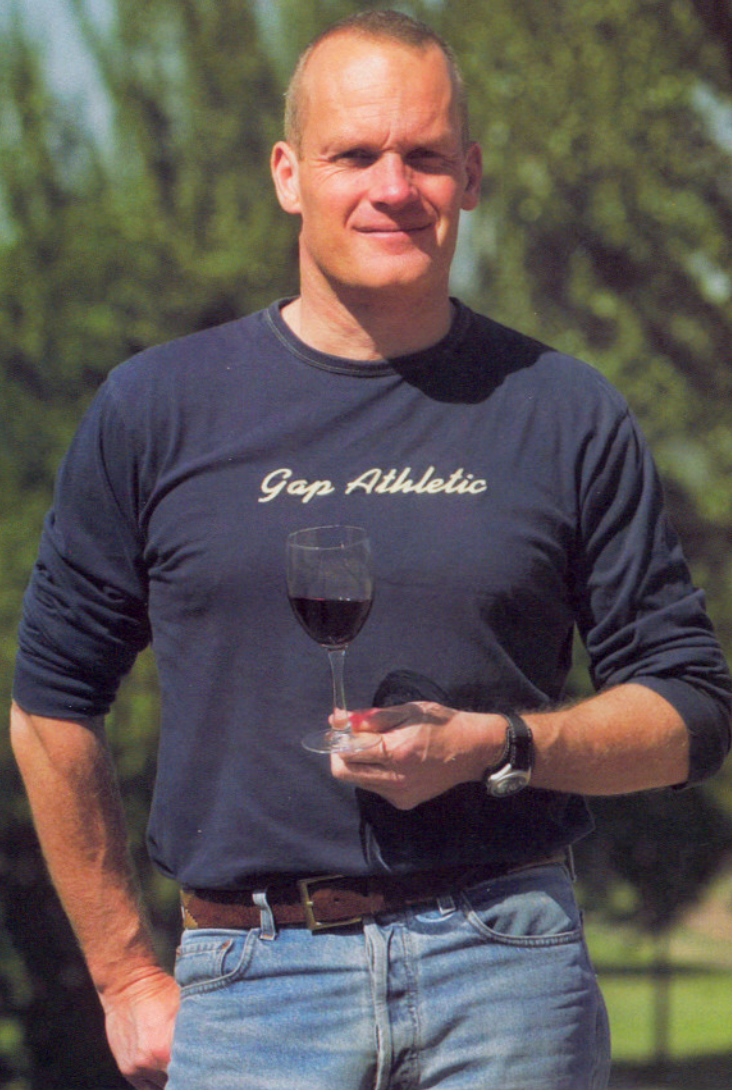
Dizer que Portugal tem sido lento a adoptar os vedantes alternativos é ficar aquém da realidade. Isto é compreensível num país onde a indústria de cortiça é um empregador e contribuinte para o produto interno bruto (3% do total) de tamanha importância. Mas a longo prazo, pergunto-me se fará sentido para a estratégia de uma empresa produtora de vinhos ficar agarrada à cortiça e somente à cortiça.

Não sou um cego defensor das cápsulas de rosca. Eu aprecio o facto de as rolhas de cortiça serem um produto natural e bio-degradável que tem sido utilizado desde há séculos. Também sou sensível ao facto de os montados de sobreiros constituírem um habitat para diversos pássaros, insectos e animais e serem um aspecto maravilhoso da paisagem portuguesa. Imagine-se o Alentejo sem sobreiros...



Todos os aspectos considerados, as rolhas de cortiça não contaminadas são o melhor vedante para o vinho. O problema, como todos nós sabemos, é que por muito que a indústria corticeira tenha trabalhado nos últimos cinco anos, ainda não erradicou o TCA, o componente que causa o “cheiro a rolha”. Pela minha experiência, cerca de 2 a 3% de todos os vinhos engarrafados com rolhas de cortiça natural têm um problema, ainda que a incidência de contaminações seja superior nas rolhas de aglomerado de cortiça. Se a indústria corticeira optasse por acabar com estas últimas estaria a fazer a si própria – e aos consumidores – um grande favor.

Abertura à mudança Alguns produtores portugueses com quem falei defendem que os vedantes alternativos deveriam ser proibidos para os vinhos DOC, tal como acontece com os vinhos DOCG em Itália. Mas eu discordo. O facto de Portugal ser menos normativo deixa a porta aberta à mudança. Tal como as coisas estão, um produtor em Chianti ou Soave Clássico não pode usar um tipo de vedante que está a tornar-se crescentemente popular junto dos consumidores do Reino Unido. Portugal deverá ser mais flexível, por muito forte que seja o seu envolvimento emocional com a cortiça.



Uma cápsula de rosca é sempre melhor do que uma rolha de cortiça contaminada, cujo aroma bolorento é o inimigo dos vinhos bem feitos. Mas a cápsula é também mais adequada a determinados estilos de vinho, em particular brancos muito aromáticos e rosés, entre outros. Porém, as cápsulas de rosca podem fazer com que tintos mais taninosos fiquem duros e angulosos, se forem vedados com níveis insufi-

cientes de oxigênio dissolvido. O resultado são tintos excessivamente reduzidos.

Assumindo que o TCA não está presente, a rolha de cortiça natural é mais adequada aos vinhos tintos feitos para envelhecer na garrafa. Vinhos tintos velhos que foram selados com uma rolha de cortiça parecem ter uma textura mais suave e envolvente bem como aromas mais intensos. Isto pode explicar porque

muito poucos dos produtores de grandes tintos do mundo - de Gaja a Penfolds Grange, de Château Margaux a Harlan Estate - optaram por cápsulas de rosca.

Em Portugal, não faz sentido engarrafar com cápsulas de rosca vinhos tintos encorpados e estagiados em madeira, do Douro, Dão ou Alentejo. Mas esse vedante será ótimo para rosés, tintos mais ligeiros, ou brancos aromáticos. A região dos Vi-

nhos Verdes, em particular, poderia adotar cápsulas de rosca da mesma forma que a Nova Zelândia ou a região de Clare Valley, (Austrália) o fizeram, e fazer do novo vedante uma das suas imagens de marca. É possível que eu não seja recebido de braços abertos da próxima vez que for a Portugal, mas penso que o perfume do Alvarinho e do Loureiro se poderia exprimir de forma melhor e mais consistente sob uma cápsula de rosca. E agora, onde é que eu guardei o meu colete à prova de bala?

*Master of Wine, correspondente de vinhos do The Observer, editor da revista Wine e co-presidente do International Wine Challenge.

A região dos Vinhos Verdes poderia adotar cápsulas de rosca da mesma forma que a Nova Zelândia ou Clare Valley o fizeram